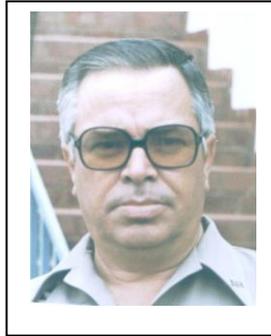


O ESPADIM DE CAXIAS DOS CADETES DO EXÉRCITO

(Histórico-Tradições-Simbolismo)

FHE **POUPEX**



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

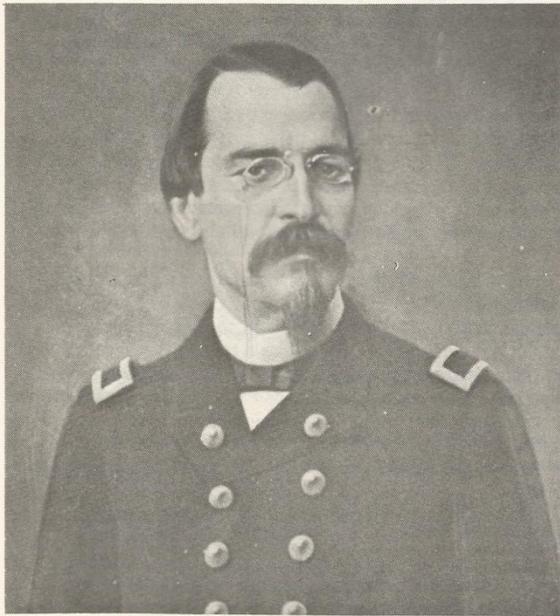
Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e correspondente da Acadsemiasde História de Portugal, Espanha, Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo ,Rio de Janeiro ,Rio Grande do Sul, Santa Catarina etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale— paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras.É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História,sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra.Integrou a Comissão de História do Exército 1971-1974 e cursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a proposito dos centenários de morte do General Osório Marques do Herval e do Duque de Caxias. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em 1981-1982. O artigo a seguir foi publicado em 1983.

Artigo do autor no JORNAL AGULHAS NEGRAS DA SOCIEDADE ACADEMICA MILITAR digitalizado para ser colocoada na Internet em Livros e Plaquetas no site da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB doado em Boletim a AMAN em 2014 e integrado ao Pergamum de bibliotecas do Exército



Órgão Oficial da Sociedade Acadêmica Militar
 AMAN NÚMERO 2 Agosto de 1978

Jornal AGULHAS NEGRAS



... Que as realizações de um Brasil Presente,
 As esperanças de um Brasil Futuro, As lembranças de um
 Brasil Passado, de glórias e tradições, inspirem-nos de modo
 que, as lutas de nossos antepassados sirvam para manter a
 Paz de nossos descendentes.

ESPADIM - 1978



EDITORIAL

Chegamos agora ao nos-
 so número dois deste nosso
 décimo ano de vida.

Como não poderia dei-
 xar de ser, dedicamos este
 número de Agosto às come-
 morações da entrega dos Espadins.
 Para tanto, nada
 mais natural que deixarmos
 nas mãos do 1º ano a sua
 confecção. E que, nos pare-
 ce, veio a contento, poden-
 do então agora afirmarmos
 que está começando a valer
 a pena. Alguém se mexeu,
 surgem os valores dispostos
 a se revelarem do seio do cc.

Agradecemos sobremaneira
 as valiosas colaborações do
 sr. TC Eng. Bento e do sr.
 Asp Of Com Rossi Vieira
 que inclusive servem de mo-
 la propulsora, de estímulo a
 que os companheiros mais
 novos se habilitem a escre-
 ver.

Assim, segue para vos-
 sas mãos o trabalho entre-
 gue às mãos da "Bicharada".

Parabéns aos compa-
 nheiros mais novos por mais
 um degrau alçado na carrei-
 ra. Felicidades

DIR IMP

EXPEDIENTE

DIRETOR DE IMPRENSA
 CAD COM ROSSI VIEIRA

DIRETOR ARTÍSTICO
 CAD COM FRANCISCO

REDATOR-CHEFE
 CAD C BÁS ILTON

DESENHISTAS
 ASP OF COM ROSSI VIEIRA
 CAD COM FRANCISCO

REDAÇÃO
 TEN CEL C.M. BENTO

ASP OF COM ROSSI VIEIRA
 CAD C BÁS ANTÔNIO
 CAD C BÁS GONÇALVES
 CAD C BÁS ILTON
 CAD C BÁS IZAIAS
 CAD C BÁS PALMEIRA
 CAD C BÁS VILEMAR

FOTOCOMPOSIÇÃO, MONTAGEM E
 IMPRESSÃO
 EDITORA SANTA EDWIGES LTDA.
 AV. TERESA CRISTINA, 1.665
 FONE: 337-1511 (PBX) - BH



**Confecções Finas
 Material Esportivo**

*o melhor
 preço nas miudezas para o
 Aspirantado*

O Máximo em Jeans

Tupick
 MAGAZINE

O ESPADIM DE CAXIAS DOS CADETES DO EXÉRCITO

(Histórico-Tradições-Simbolismo)

Ten Cel
Claudio Moreira Bento
(Instrutor de Historia Militar - AMAN)

Nos últimos 46 anos, desde 15 Dez 1932, inicialmente na antiga Escola Militar do Realengo e, a partir de 1944, na Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende, tem-se repetido anualmente a mais significativa cerimônia militar da vida dos cadetes — os futuros chefes do Exército. É a entrega dos espadins aos cadetes do 1º ano por seus padrinhos ou madrinhas, em ato solene concorridíssimo, tradicionalmente presidido pelo Presidente ou Vice-Presidente da República. Recebem então os cadetes uma cópia fiel, em miniatura, da espada de campanha usada pelo Duque de Caxias — o Patrono do Exército, na pacificação de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul (1842-45) e no comando dos brasileiros nas guerras externas contra Oribe e Rosas (1851-52) e Tríplice Aliança contra o Paraguai (1865-70). A cerimônia atinge seu ponto culminante quando os cadetes recipiendarios conscientes do grande simbolismo do ato, proferem em uníssono e com intensa vibração militar estas palavras tradicionais do cerimonial, já repetidas por todos os oficiais atualmente no serviço ativo do Exército: "Recebo o Sabre de Caxias como o próprio símbolo da Honra Militar."

O IDEALIZADOR DO ESPADIM DE CAXIAS

Em 19 Nov 1931 assumiu o comando da Escola Militar do Realengo o coronel José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque. Oficial de escól, e de sua alentada e brilhante folha de serviços prestados ao Exército e ao Brasil destacamos: instrutor militar, em 1916, da Escola de Direito do Largo São Francisco em São Paulo, cujo primeiro diretor e um dos seus fundadores foi o tenente-general José Arouche de Toledo Rendon; na França (1817-18), estagiário da Escola Militar de Saint-Cyr e combatente voluntário no **4º Regimento de Dragões da Cavalaria francesa**, no qual foi promovido a capitão por ato de bravura em ações de combate na França e Bélgica; introdutor dos blindados no Brasil, ao organizar e ser o primeiro a comandar a **Companhia de Carros de Assalto** — a primeira unidade blindada do Exército Brasileiro; idealizou e ajudou a construir a Academia Militar das Agulhas Negras, o maior sonho e realização de sua proveitosa existência a serviço da maior grandeza do Exército e do Brasil. Academia que anualmente, em cerimônia especial, evoca sua memória e grande obra defronte seu busto colocado em destaque próximo da entrada nobre do conjunto principal.

O coronel José Pessoa assumiu o comando da Escola após a vitoriosa revolução de 30. Nela teve atuação destacada à frente do 3º RI da Praia Vermelha, em apoio à Junta Militar. No comando da Escola promoveu as mais profundas reformas de sua longa história (1910-1978). Imprimiu a seguinte filosofia na seleção dos novos cadetes: — **"A Escola não se destina a corrigir defeitos e vícios e, sim, a aprimorar qualidades e virtudes modeladas nos lares de onde provêm os futuros cadetes"**. Por decreto de sua inspiração os alunos da Escola passaram a ocupar o posto privativo de cadete, no sentido de companheiro mais novo dos oficiais, e não mais, no sentido anterior de 1757

até a República, quando o posto foi extinto por possuir foros de nobreza. Em resumo, conciliou na República a tradição brasileira de 132 anos, ligada ao posto de Cadete, no que este encerrava de padrão moral e distinção nas sociedades colonial e após imperial brasileiras. A seguir, criou o **Corpo de Cadetes** como tropa de elite e o **Estandarte Escolar**, em campo azul turquesa, cor tradicional da Academia, entregue à Escola Militar do Realengo em cerimônia especial, pelo Presidente da República, Dr. Getúlio Dorneles Vargas, imortalizada em óleo existente na Biblioteca da Academia. Posteriormente, criou o uniforme de gala, desde então usado pelos cadetes, com o simbolismo de elo entre o Exército do passado e o do presente.

A ORIGEM DO ESPADIM DE CAXIAS

Criados os uniformes históricos, julgou o coronel José Pessoa que eles deveriam ser complementados por uma arma privativa do posto de cadete.

Arma que caracterizasse a alta responsabilidade do jovem cadete como chefe do Exército Brasileiro do futuro. Idealizou então, com a concordância de seus superiores e aplausos de sua equipe que esta arma seria uma miniatura fiel da espada usada pelo Duque de Caxias em campanha, "**a espada que foi o pilar do Império, a espada de Caxias, que é a espada do Brasil**". **Desde então ficou decidido que o cadete seria o único integrante do Exército a ter a honra e o privilégio de cingir a cinta a espada de Caxias, "como a síntese e a expressão mais viva e sublime das virtudes militares do soldado brasileiro"**.

Tudo decidido o coronel José Pessoa encontrou um grande obstáculo em localizar a espada de campanha de Caxias, e conforme suas próprias palavras: "**Porfiadas demarches foram então realizadas para concretizar a feliz idéia. Ignorávamos até então o paradeiro daquela relíquia histórica. Para isso recorreu-se em indagações a todos os lugares onde são destinados os troféus, sem ser encontrada. Afinal, com a preciosa colaboração do Dr. Max Fleiuss, fomos encontrá-la entre outras armas gloriosas, nas coleções do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. E, ainda, com o auxílio do Dr. Max Fleiuss, secretário perpétuo daquela nobre e benemérita Instituição, conseguimos a licença necessária para ser copiada a arma que é a nossa mais preciosa relíquia militar. Assim para ali foi mandado um hábil desenhista que copiou, em rigorosa escala, todos os detalhes daquele rico troféu, magnificamente artesanado em aço e bronze.**"

A ESPADA DE CAMPANHA DE CAXIAS

Em junho deste ano fomos chamados ao gabinete de nosso Comandante na AMAN, General de Brigada Hyran Ribeiro Arnt, e honrados com a solicitação de esclarecer a atual situação da espada de Caxias, que servira de modelo para o Espadim de Caxias dos cadetes, instituído há 46 anos passados. Tinha certeza aquela autoridade de que a espada de Caxias existente em seu gabinete não era a que servira de modelo aos espadins. Mas, sim, uma espada que fora ofertada em vida ao Patrono do Exército pelo povo brasileiro, em reconhecimento à serviços prestados e que se encontra junto com seu lenço de pescoço usado em campanha. Espada que vem sendo parte do cerimonial de entrega dos espadins aos cadetes e confundida, às vezes, com a de campanha, da qual eles foram copiados.

Após pesquisa em diversos instrumentos de trabalho, localizamos artigo do então General José Pessoa sob o título — "**Histórico do Espadim de Caxias**", publicado em 1939 na **Revista da Escola Militar**. Ficamos sabendo que há 46 anos a espada de campanha do Patrono do Exército encontrava-se no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Para a sede dessa benemérita instituição — a Casa da Memória Nacional — sita à Rua Augusto Severo, 8-A, 109 andar, na Lapa, Rio de Janeiro, nos deslocamos em

30 jun para, em nome de nosso Comandante, colher informações atualizadas sobre a relíquia sob sua guarda e, maissabermos da possibilidade da mesma deslocar-se até Resende, em caráter excepcional, em circunstâncias e cerimônias militares de grande projeção e sentido cívico nacional, à altura do simbolismo representado por nossa maior relíquia militar.

O professor Pedro Calmon, gentilmente e pessoalmente acompanhou-nos até junto ao que ele também considera a maior relíquia militar brasileira, sob a guarda da quase sesquicentenária entidade que preside, a espada de campanha usada pelo Patrono do Exército para pacificar São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul (1842-45) e no comando dos brasileiros nas guerras contra Oribe e Rosas (1851-52) e da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1865-70). A relíquia encontra-se em posição de destaque na sala do Museu que a abriga. E, junto a ela, um exemplar do Espadim de Caxias que vem sendo usado pelos cadetes do Exército há 46 anos e cópia fiel da espada gloriosa de Caxias, a espada do Brasil. Ao aproximar-se da espada relíquia o professor Pedro Calmon a reverenciou à moda civil. Solicitou-nos que acompanhássemos sua reverência à maneira militar, como soldado de Caxias. Foi um momento de grande emoção a vibração militar, o contemplar e reverenciar, pela primeira vez, a espada desembainhada por Caxias para a conquista da ponte de Ipororó, a um tempo só, o mais crítico e mais glorioso da vida do maior soldado brasileiro e sobre o qual já havíamos escrito:

**"Batalha del tororó"; "Impasse-grande resistência adversária";
 "Impossibilidade total de deabordamento- do arroio obstáculo";
 "Tomados e retomadas da ponte — 400 baixas"; "Sacrifício supremo dos comandantes — Gurjão, Souza Guedes, Machado de Souza, Lopes de Barros e Fernando Machado"; "Comandantes feridos — Argolo, Deodoro da Fonseca, Barreto Leite, Hermes Ernesto da Fonseca, Ribeiro Lima e Eneas Galvão"; "Demora da tentativa envolvente de Osório — periga a vitória"; "Ação de líder de combate de Caxias"; "Tudo ou nada — carta decisiva — risco calculado"; "Ofensiva em prejuízo da Segurança". E de suas palavras e atitudes imortais: "Sigam-me os que forem brasileiros!"; "A cavalo, desembainhou sua gloriosa espada"; "E projetou-se com ímpeto e a galope sobre a disputada ponte"; "E todo o Exército acompanhou seu líder"; "Ponte conquistada à viva força"; "Sua ação pessoal salvou a causa da Aliança"; "E brindou as armas brasileiras com uma eterna glória!".**

Na ocasião foi recordado que o Patrono do Exército após sua ação pacificadora, fora eleito Membro Honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 23 Mar 1847, com 44 anos e no posto de Marechal-de-Campo. E, mais, que fora colaborador da instituição, ao responder questionário sobre a Batalha do Passo do Rosário (20 Fev 1827), a primeira interpretação militar brasileira à luz dos fundamentos da Arte da Guerra, publicado em 1857 na revista do Instituto, no transcurso do 30 aniversário da maior batalha travada em território brasileiro. Trabalho que revela o estudioso de História Militar que foi o Patrono do Exército, desde que frequentou em 1817, como alferes, a cadeira de História Militar da Academia Militar Real criada pelo príncipe Regente D. João e mais tarde, ao estudar as campanhas de Napoleão, segundo concluiu o Marechal Castello Branco, e a guerra de Secessão (1861-65) nos EUA, na obra **Maritime des Etats Unis** de Roussiollon-Puissance, segundo pesquisa do Marechal Tristão Alencar de Araripe.

LOCAL CONDIGNO PARA A RELÍQUIA

Segundo o professor Pedro Calmon, com a decisiva colaboração do Presidente Emílio Garrastazú Medici, ex-comandante da AMAN em grave e decisivo momento da vida nacional em março de 1964, o Instituto conseguiu construir sede condigna com seus patrióticos fins. E, assim, expor, em sala condigna, para a visitação de seus compatriotas, a espada de Caxias, fato até então impossível pela pobreza, falta de segurança e precariedade das antigas instalações. A espada acha-se bem conservada e próxima de outra relíquia, o binóculo usado por Caixas em campanha. Binóculo que o ajudou a planejar e conduzir suas vitoriosas manobras envolventes de Humaitá e Piquiciri, passaportes seguros para seu ingresso na galeria dos maiores capitães da História da Humanidade.

Por nosso intermédio o professor Pedro Calmon, velho e fiel amigo da AMAN, onde no passado ministrou aulas inaugurais, franqueou o museu à visitação dos cadetes que cingem em suas cinturas a miniatura da espada de campanha de Caxias — a espada do Brasil.

O escrínio que abriga a espada de Caxias, segundo o General Jonas Correia, **Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Militar Brasileiro**, foi oferta da **Escola Militar do Realengo**, em 1939, por inspiração de seu comandante — Coronel Álvaro Fiúza de Castro.

CAXIAS DOA SUA ESPADA A SEU CHEFE DO ESTADO-MAIOR

O professor Pedro Calmon confirmou que a espada de Caxias que integra o acervo da instituição que preside é a que o Patrono do Exército usou em campanha como oficial general. A que usou até coronel, inclusive na pacificação do Maranhão, integra o acervo do Museu do Exército, ora funcionando no prédio de onde o Marechal Deodoro da Fonseca saiu na manhã de 15 Nov 1889 para o Campo de Santana (atual Praça da República) para a Proclamação da República. A espada de Caxias existente no gabinete do Comandante da AMAN; ricamente trabalhada em ouro, foi ofertada ao Duque em reconhecimento aos relevantes serviços prestados, como soldado, à preservação da Unidade, Soberania e Integridade brasileiras.

Caxias doou sua espada de campanha, em testamento, ao Brigadeiro João de Souza da Fonseca Costa. Este fora, como 1º tenente, ajudante-de-ordens de Caxias na Guerra contra Oribe e Rosas e, como coronel, Chefe de Estado-Maior de campanha de Caxias na Guerra da Tríplice Aliança, no período 1866-68, função criada pelo então Conde de Caxias em 1851 e que teve como primeiro titular o Coronel Miguel Frias de Vasconcellos, o qual como major, havia chefiado, em 3 de abril de 1832, uma insurreição que culminou com seu gesto de proclamação da República Federativa do Brasil, no mesmo local onde ela seria proclamada efetivamente, quase 57 anos depois, pelo Marechal Deodoro. Coube a Caxias, então major, dispersar e neutralizar a insurreição do Major Frias, posteriormente seu amigo e dedicado colaborador e homem de confiança na Revolução Farroupilha e na Guerra contra Oribe e Rosas. Sobre o valor militar de seu prestimoso auxiliar. Coronel Fonseca Costa, ao qual doaria a sua espada de campanha, assim Caxias o elogiou em Ordem do Dia de 14 Jun 1869, antes de retornar ao Brasil.

"Prestou-me como chefe de meu Estado-Maior a mais dedicada cooperação em tudo quanto tem dependido de seu alto emprego, não só na condução regular de todos os negócios de meu serviço público a seu cargo, como nas batalhas e combates a que tem assistido sempre a meu lado, recebendo e transmitindo as minhas ordens e expondo-se com sangue frio e abnegação aos riscos e perigos decorrentes."

A espada de campanha de Caxias foi localizada pelo Dr. Eugênio Vilhena de Moraes, o maior biógrafo do Patrono do Exército (O primeiro estudo biográfico de Caxias de autoria do padre Pinto de Campos lançado em Portugal comemora este ano seu centenário).

A espada de Caxias encontrava-se em poder de descendente direto do antigo chefe de Estado-Maior de Caxias e também Visconde da Penha — o oficial de nossa Marinha de Guerra — Capitão-de-Corveta Caetano Taylor da Fonseca Costa. O referido oficial, em gesto nobre e patriótico, decidiu doar, em 1925, a valiosa relíquia, através do Dr. Vilhena de Moraes, ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, onde se encontra há 53 anos. Dali a espada saiu uma só vez, em meio a cerimônia condigna, com permissão do Dr. Max Fleiuss, fruto de gestões do então Major Jonas Correia, para ser colocada defronte à formatura do Corpo de Cadetes em Realengo, ao lado da espada do General San Martin, trazida em 1939 da Argentina pela Escola Militar daquela nação irmã, por ocasião de visita a nossa Escola Militar. E, do local onde se encontra, segundo o Professor Pedro Calmon, somente sairá em condições excepcionais de alto sentido cívico e com cerimonial condizente com a grandeza do simbolismo que ela traduz, ouvido em cada caso toda a Casa que preside. Talvez o cinquentenário, em 1982, da primeira entrega de espadins aos cadetes do Exército possa justificar a sua viagem até Resende; ou, de igual forma, quando um dos milhares de cadetes ex-detentores do Espadim de Caxias for o primeiro a atingir a Chefia da Nação e, em consequência, o Comando Supremo das Forças Armadas do Brasil, circunstância na qual o Espadim de Caxias que usou como cadete poderá sair de circulação e passar a integrar o Museu da AMAN.

A PRIMEIRA CERIMÔNIA DE ENTREGA DE ESPADINS 1932

Copiada a espada de Caxias, o Projeto Espadim foi submetido a aprovação do Ministro da Guerra, Gen Bda José Fernandes Leite de Castro (1930-32), oficial que, de igual forma que o Coronel José Pessoa, era veterano da 1ª Guerra Mundial. Havia combatido, como tenente-coronel, no 120 Regimento de Artilharia Pesada do 20º Corpo do Exército Francês, de 2 set 1818 até o Armistício. Os ensinamentos que colheu os transferiu ao Exército Brasileiro em artigo — "Ensinamentos técnicos e táticos de Artilharia da Grande Guerra, publicado no Boletim Mensal do Estado-Maior do Exército (1911-23) - Mai/Jun 1919. Desejaram o General Leite de Castro e o Coronel José Pessoa que ***"Caxias o Duque da Vitória pairasse no seio dos cadetes do Brasil de igual forma que Napoleão no seio dos cadetes de Saint-Cyr na França."***

O Ministro Leite de Castro aprovou e concedeu crédito correspondente para a concretização dos espadins. Foram remetidos os desenhos e recursos para o Coronel José Duarte Pinto - Chefe da Missão Militar Brasileira na Europa. O Coronel Pinto "com desvelo e entusiasmo cumpriu a missão", encomendando a confecção dos mesmos na firma alemã Solingen. Em

outubro de 1928 os Espadins chegaram ao Brasil. Em 6 Dez, pelo BI nº 288, foram incluídos na carga da escola Militar do Realengo. A seguir foram organizadas as **"Instruções para recebimento e uso do Espadim de Caxias", ao que se sabe, publicadas somente em 1938, no BI nº 148.**

Em 15 e 16 Dez 1932 teve lugar a primeira cerimônia de Entrega dos Espadins aos cadetes. Cerimônia desdobrada em duas fases. Dia 15 Dez no âmbito da Escola, com solenidade de entrega dos espadins a todos os cadetes que pela primeira vez proferiram estas palavras do cerimonial, inalteradas de lá para cá —

"Recebo o Sabre de .Caxias como o próprio símbolo da Honra Militar".

No dia 16 Dez, em solenidade pública na praça Duque de Caxias, atual Largo do Machado, defronte ao monumento do Patrono do Exército, teve lugar o Juramento do Espadim pelos cadetes, em presença do Dr. Getúlio Vargas, Chefe do Governo Provisório do Brasil, Ministros, Generais, Adidos Militares e representações de oficiais de todas as unidades de guarnição do Rio de Janeiro. Segundo o General José Pessoa em 1938, **"a cerimônia teve início com as bandas tocando o antigo toque de alvorada, o mesmo que, nos campos do Paraguai, despertava os nossos g**

Quando profundo era o silêncio da grande assistência, ouviu-se a voz de um oficial, lendo com vibração as palavras sacramentais do juramento, no que era acompanhado pelos cadetes, que tinham os olhos fixos no semblante quase austero de seu Patrono e pareciam iluminados pela famosa estrela que guiou sempre aquele guerreiro de vitória em vitória, e que certamente há de guiar as novas gerações, através dos caminhos ásperos da vida. Neste instante ecoou o troar dos canhões e o rufar surdo dos tambores, anunciando a criação de uma nova arma, representativa das virtudes de nossos antigos combatentes.

Seguiu-se a leitura do Boletim Alusivo do Comando da escola nº 297 de 16 Dez 1932 ..." E prossegue o Coronel José Pessoa, o idealizador da Academia Militar das Agulhas Negras e de suas mais caras tradições: **"Assim terminaram as solenidades da primeira entrega e Juramento do Espadim de Caxias, fato de tanta significação para a Escola Militar e para a História do Corpo de Cadetes que, certamente, entre outros, não poderá jamais esquecer tal acontecimento. Não temos dúvidas de que as novas gerações, educadas sob o signo de Caxias, estão fadadas a mudar os hábitos e a construir o destino de grandeza do Exército, formando uma mentalidade homogênea de chefes que, a exemplo de seus antepassados, não permitirão o esquecimento das nossas nobres tradições militares."**

SIMBOLISMO DO ESPADIM DE CAXIAS

O Coronel José Pessoa mandou gravar na lâmina dos espadins as palavras **Duque de Caxias** e o **Brasão de Armas da Escola Militar "no qual brilha refulgente o sol de Itororó"**, o maior momento do Patrono do Exército e de sua espada em campanha. **"Conjunto simbólico representando um talismã, guia dos cadetes para uma vida de grandes sucessos, de amor ao Exército e de fidelidade à Pátria Brasileira." Pelas instruções baixadas pelo Coronel José Pessoa, "os Espadins dos cadetes, constituindo um conjunto de elevado teor moral, deveriam ficar ligados às vidas de seus detentores através dos tempos, por uma**

ficha histórica com o número de cada uma dessas armas, que deveria levar a assinatura de cada um de seus detentores. E, finalmente uma honrosa homenagem: sempre que um ex-detentor do Espadim de Caxias, distinguir-se em sua vida pública, por um gesto de sacrifício ou serviço excepcional, de real valor para o Exército ou para o Brasil, ou em benefício da Humanidade, seu Espadim, com o respectivo número, deve ser retirado de circulação e recolhido ao Museu Escolar, com a ficha respectiva, nela inscrita, em letras vermelhas, o motivo que determinou sua retirada de circulação."

Foram distinguidos com a retirada de circulação de seus Espadins por gestos de sacrifício de real valor os seguintes ex-detentores:

Espadim nº 496 que pertenceu ao **Aspirante Humberto Pinheiro de Vasconcellos**. Motivo: Ao ministrar instrução no 3º BC de Vitória-ES, o referido Aspirante teve despedaçada sua mão por uma granada, isto ao mantê-la na mão, com o braço para fora da janela, para que não viesse a explodir na sala onde ministrava instrução ou a atingir algum companheiro no pátio do quartel, legando assim um belo exemplo de coragem e abnegação e engrandecendo a Escola que o acabara de formar.

Espadim nº 289, que pertenceu ao 1º Tenente de Artilharia **Alípio Napoleão Andrade Serpa**. Motivo: Ato de bravura praticado durante o torpedeamento nas costas do Nordeste do navio "**Itajiba**" que transportava sua Unidade de Artilharia para Olinda-PE. O Tenente Alípio morreu na ocasião. A turma de 1943 egressa da Escola Militar do Realengo foi batizada com seu nome. É irmão dos atuais Generais de Exército Andrade e Serpa, ex-combatentes' da FEB como capitães de Artilharia e, respectivamente, Chefes dos Departamento de Ensino e Pesquisa e do Departamento Geral do Pessoal (do Exército).

Espadim nº 1002 que pertenceu ao **Aspirante Francisco Mega**. Motivo: Morte em combate na Itália, integrando o **1º RI — Regimento Sampaio**. Foi o primeiro oficial formado pela Academia Militar das Agulhas Negras a tombar em combate. Em sua memória foi erigido monumento defronte à Academia, onde, anualmente, os novos cadetes da arma de Infantaria prestam o solene **Juramento do Infante**. Leva seu nome a turma egressa da Academia em Fev 1955, a qual tenho a honra de integrar. Seu espadim, retirado de circulação, ficará sob a guarda do **Curso de Infantaria da AMAN**.

Além desses foi retirado de circulação o **Espadim nº 103**, que pertenceu ao Gen Bda Sinval Senra Martins, cadete em 1945, aspirante em 1947 e general em 1977. Motivo: Foi o primeiro cadete que cursou integralmente a AMAN a galgar o posto de oficial general. Seu espadim está sob a guarda do **Curso de Intendência**, que integrou como cadete e instrutor.

É provável que a homenagem venha a ser estendida ao primeiro general formado integralmente pela AMAN e que seja o primeiro a comandá-la nesta condição, bem como ao primeiro Ministro do Exército e Presidente da República ex-detentores do Espadim de Caxias.

A AMAN tem conferido simbolicamente o Espadim de Caxias a personalidades a ela ligadas ou a suas congêneres estrangeiras, sem que o número do Espadim respectivo saia de circulação. O número do Espadim de Caxias usado por cada ex-detentor consta em suas alterações. E já é prática os cadetes pleitearem e conseguirem cingir os espadins que foram usados por seus avós, pais e irmãos.

O VALOR DA HISTÓRIA E DA TRADIÇÃO

Em 1939 o General José Pessoa, assíduo colaborador de nossas revistas militares em assuntos de História e Doutrina Militar, escrevia na Revista da Escola Militar: **"O Espadim de Caxias do Corpo de Cadetes, ainda quase sem história pela sua apoucada existência, nem por isso devemos olvidar-lhe fatos que hoje sabidos, mais tarde será difícil reconstituí-los. Haja visto o exemplo histórico da nossa lendária Escola Militar Real da qual mal se sabe ter sido fundada por D. João VI."**

Como pesquisador e estudioso de História, nossa homenagem ao Marechal José Pessoa que, além da obra magnífica ligada à idealização e construção da AMAN, o maior sonho de sua vida e na qual passou as suas últimas vinte e quatro horas na ativa, preocupou-se em preservar sua História e Tradições, ao documentá-las com depoimentos, em artigos em nossas revistas militares. Tudo para que não viesse acontecer o mesmo que assinalou relativamente a Academia Militar Real, raiz histórica da AMAN.

Estava convicto o Marechal José Pessoa de que a História **"é a mestra das mestras, a mestra da vida" e a mãe da Tradição**. E que, sem documentação não há História e nem Tradição que resista à ação dos tempos. E, mais, que povo ou grupo social sem tradição, ou que se a possui não a cultiva, **é flor sem perfume, é espada sem têmpera, que quebra ao primeiro embate, é nau sem bússola, à deriva na tempestade, que não sabe de onde veio, onde está e para onde vai**.

Soube o Marechal José Pessoa construir e preservar, através dos cadetes do Exército, a tradição contida em seus Espadins, cópias fiéis da espada de rija têmpera moral e cívica, tal qual a do aço de que foi forjada — **a espada de campanha de Caxias, o Pacificador — a maior espada do Brasil. Espada que figura com destaque, entre as dos maiores generais da História da Humanidade**.

Por ocasião da cerimônia de abertura em 17 de julho, na sede do Instituto Histórico e Geográfico, do **I Colóquio Internacional da 2ª Guerra Mundial**, a espada de Caxias foi exposta em local de destaque no recinto da cerimônia. Junto a ela estava um espadim usado pelos cadetes, ofertada àquela casa pelo **Gen Ex Antônio Jorge Correia como Ministro Chefe do EMFA** e antigo Subcomandante da AMAN. A cerimônia foi presidida pelo Vice-Presidente da República, General Adalberto Pereira dos Santos, ex-combatente da FEB e ex-Comandante da AMAN (1960-62). Contou mais com a presença de três ex-Comandantes da AMAN, Generais Alfredo Souto Malan, Carlos de Meira Mattos e José Fragomeni além de grande número de ex-combatentes da FEB e historiadores civis e militares brasileiros.

Boletim de 16 Dez de 1932 da Escola Militar do Realengo alusivo a Primeira Cerimônia de Juramento do Espadim de Caxias, em Cerimônia defronte o Monumento de Duque de Caxias.

"Cadetes!

Defrontando a estátua do Marechal Luiz Alves de Lima e Silva, aquele que em vida foi o maior dos generais sul-americanos, acabais de prestar o compromisso do recebimento do "vosso espadim — arma distintivo que reproduz o sabre glorioso do invicto soldado, que com atos de sublimada grandeza esmaltou com refulgencia inigualável as páginas gloriosas da história nacional,

marcando-as de traços imperecíveis e assinalando o seu nome como o do cidadão que melhor serviu à Pátria e mais a estremeceu.

Vosso patrono e vosso guia, aqui não podíeis faltar hoje, a render-lhe as vossas homenagens, quando cingis, pela primeira vez, aos vossos uniformes, o sabre glorioso que, em sua destra mão, mostrou sempre aos nossos soldados intemeratos, o caminho da vitória!

Ante o bronze majestoso que a gratidão do povo erigiu em testemunho de reconhecimento a serviços que crescem de valor com o correr dos anos; vindes, cumprindo dever que ufana e dignifica, pagar o tributo de vossa admiração ao legendário soldado que, de cadete como vós, culminou a hierarquia militar e nas dignidades honoríficas, integrado na sua profissão, por ela sempre enfeitado e, passo a passo, ascendeu na sua carreira, pelo seu valor, pela sua coragem e pelo seu acendrado patriotismo!

A espada que foi esteio de um regime, que em rudes prélios cimentou a unidade nacional e, em terras estranhas, acutilou bravamente os inimigos do Brasil, tendes hoje a honra e a rara fortuna de a cingirdes à cinta, outorgada ao Corpo de Cadetes o encargo de guardar aquele sabre glorioso que reflete, no brilho espelhante do seu aço, a constância no dever e que nunca a ferrugem da deslealdade, de leve sequer maculou, em meio século de intenso batalhar em prol da ordem e do prestígio desta terra estremecida, a que ele serviu com inexcedível dedicação e bem alto a elevou no conceito das nações!

Na homenagem que aqui prestais, — vossos espadins em continência, não reverenciais somente o vulto homérico do general nunca vencido, que enriqueceu de imarcessíveis louros o Exército Brasileiro e iluminou de fulgências gloriosas uma época da vida nacional!

Saudais, também, esse passado venerando de glórias e de virtudes, que é o orgulho do nosso povo, escrínio precioso de lições de nobre civismo e onde o nome imortal do legendário Duque de Caxias esplende, aureolado, em meio de uma corte de gigantes, batalhadores devotados de um Brasil forte e generoso, que se alça na plana maior das primeiras nações do mundo, admirado pelo seu progresso e pela sua cultura.

E, particularmente, para vós cadetes, que sois as ridentes esperanças do Exército do Brasil — as armas que abateis, apontadas para o solo sagrado da Pátria, rendendo preito sincero de admiração ao grande soldado que foi o símbolo augusto das nossas virtudes militares, juram pela vossa eterna fidelidade aos ditames da honra e do dever, pela rigorosa observância aos exemplos que nos legou o primeiro dos generais de nossa Pátria, cuja vida será o vosso modelo e cujo nome venerando será o clarim vibrante a acender os vossos entusiasmos nas lutas sem tréguas pelo bem e pela grandeza do Brasil!"

**Ass: Cel José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque
Comandante da Escola Militar do Realengo**

FONTES CONSULTADAS

1. AMAN. São Paulo, Graf. ASBAHR, 1961 (Colaboração da FIESP ao Sesquicentenário da criação da Escola Militar Real em 1810).
2. AMAN. Revista sua boa estrela. São Paulo, Mercedes Benz, nº 27, 1970. (Número especial dedicado a AMAN).
3. ALBUQUERQUE, José Pessoa Cavalcanti, Gen. Histórico do Espadim de Caxias. Revista da Escola Militar, Rio — Realengo, 1939 (as transcrições no texto do artigo foram extraídas deste trabalho).
4. ARARIPE, Tristão Alencar de, Cel. O Estado-Maior de Caxias. **Nação Armada**, 17, Abr 1941, p. 26.
5. BENTO, Cláudio Moreira, Ten Cel. **Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro**. Brasília, EME, 1978.
5. CALMON, Pedro. Espadas do Brasil. **Nação Armada**, 24 pp. 21-26.
6. CORREIA NETO, Jonas, cad. Glória te seja Espadim de Caxias. **Revista da Escola Militar de Resende**, 1944, 52.
7. PEDREIRA, José. R. **Resende em Revista**. Volta Redonda, 1975.
8. PESSOA, Antônio João, cad. Marechal José Pessoa o idealizador da AMAN. **Jornal Agulhas Negras**, Resende, Ed. Acadêmica, 1977. (O autor é bisneto do Mal José Pessoa).
9. EZENDE, Moacir Lopes de, **Gen. História da AMAN**. Resende. Ed. Acadêmica. 1976. (O autor foi professor de História Militar na AMAN).
10. RUAS SANTOS, Francisco, Maj. índice Analítico, in: FRAGOSO, **História da Guerra da Tríplice Aliança e o Paraguai**. Rio, Bibliex, 1958. v. IV (Ref. a João de Sousa da Fonseca Costa, Chefe do EM de Caxias).

Boletins Internos da AMAN

- BI Nº 288 de 6 Dez 1932 -Inclui os primeiros espadins em carga.
- BI nº 297 de 16 Dez 1932 -Ordem do Dia alusiva a primeira entrega e juramento dos espadins pelos cadetes.
- BI Nº 141 - 1938- Regula o uso dos espadins.
- BI Nº 157 - Regula o fornecimento de espadins a cadetes falecidos.

Decreto de criação do Espadim

Dec. 20.438 de 24 Set 1931 publicado no DO 273 de 8 Out 31 e BI 70 de 10 Out 31



O Autor em 1979 e 1980, como instrutor de História Militar e historiador sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro recebeu a missão de no comando de uma Guarda de Honra e Segurança integrada por cadetes trazer do citado Instituto para a AMAN, a espada de Campanha do Duque de Caxias e devolvê-la com toda a pompa e circunstância. Mais tarde como Diretor do Arquivo Histórico do Exército, conseguimos um cofre descarregado que foi adaptado pelo Arsenal do Rio de Janeiro para guardar a relíquia para a sua segurança e conservação, pois era guardada no cofre do Instituto e nele foi guardada com carinho a relíquia cuja gravura a FAHIMTB colocou em seu brasão. Fonte: Foto do autor com a Espada de Campanha do Duque de Caxias no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.